



# o Fórum

JORNAL DAS ASSOCIAÇÕES SINDICAIS INDEPENDENTES

N.º 3 Maio 2010



**USI  
comemora  
1.º de Maio**



**Maio**

## índice

**02**  
O 1º de Maio dos Sindicatos Independentes já é uma marca do sindicalismo português

**02**  
SNPM e ASPL juntam-se à USI

**03**  
Arraial popular no Rossio atraiu centenas de pessoas

**03**  
Em nome da independência partidária

**04**  
Os sindicatos querem salvar Portugal!, intervenção do drº Afonso Diz

**06**  
Festa do 1º Maio da USI no Porto

**07**  
A igualdade de género no contexto europeu

**07**  
Reuniões internacionais USI

## NOTA EDITORIAL

### O 1º de Maio dos Sindicatos Independentes já é uma marca do sindicalismo português



Em Lisboa, na significativa Praça do Rossio e no Porto, na popular Zona da Ribeira, a USI comemorou o dia mundial do trabalhador, com a participação de milhares de portugueses.

Já lá vão 15 (quinze) anos que os Sindicatos Independentes iniciaram de forma livre, autónoma e independente, a comemoração do 1º de Maio, inicialmente em almoços de confraternização e já no novo milénio, com a realização de festas populares na rua, tanto em Lisboa, como no Porto.

Apesar de algumas tentativas de boicote, nomeadamente da comunicação social que só vê a CGTP e a UGT, a comemoração sindical independente tem crescido em qualidade e quantidade ao longo destes últimos anos.

A persistência e luta dos Dirigentes Sindicais independentes, com destaque para o seu coordenador Dr. Afonso Diz, tem resultado no sucesso das comemorações do 1º de Maio do sindicalismo livre e autónomo das forças partidárias.

Este Fórum nº 3 destaca como é justo e oportuno as comemorações do 1º de Maio, em Lisboa e no Porto.

**VIVA O 1º DE MAIO!  
VIVA O SINDICALISMO  
INDEPENDENTE!**

Lisboa, 4 de Maio de 2010  
O DIRECTOR DO FÓRUM  
Victor Martins

## SNPM e ASPL juntam-se à USI

O Sindicato Nacional da Polícia Municipal (SNPM), liderado por Sandra Seixas, é a mais recente instituição filiada na União dos Sindicatos Independentes (USI).

Visivelmente satisfeita por participar nas comemorações do 1º de Maio da USI, a dirigente sindical afirmou que é “uma grande honra juntarmo-nos aos festejos do dia do trabalhador”, acrescentando que é “ainda uma honra maior dizer que a nossa entrada na USI vem ajudar a criar um Portugal melhor”.

“Penso que o sindicalismo independente é o futuro de todas as carreiras e profissões”, defendeu

Sandra Seixas, sublinhando que este é o caminho para que Portugal siga “em frente e veja a luz ao fundo do túnel”.

Constituído a 15 de Novembro de 2005, em Guifões, Matosinhos, o SNPM visa a reivindicação de melhorias nos meios e equipamentos de trabalho, formação contínua, definição de competências e a valorização do regime de carreiras e regime remuneratório dos polícias municipais.

À tribuna do 1º Maio da USI subiu ainda Fátima Ferreira, presidente da Associação Sindical de Professores Licenciados (ASPL), que, após agradecer ao coordenador-geral da USI o

convite, realçou que o sindicalismo que faz falta ao país é o independente, pois é “aquele que não é partidário, nem instrumento de lutas partidárias”.

Considerando que um ensino de qualidade é crucial para que Portugal possa evoluir, a sindicalista manifestou-se confiante num futuro melhor, reiterando que a ASPL continuará a lutar “pela educação dos nossos filhos”.

Criada em 2001, a USI conta já com 13 sindicatos filiados, número esse que deverá continuar a crescer. ■



**União dos Sindicatos Independentes**

Avenida Miguel Bombarda, 56 - 2.º Esq. | 1050-167 Lisboa | Telef.Fax 217 963 583

FICHA TÉCNICA

**Director** Eng.º Victor Martins | **Coordenador** Afonso Pires Diz | **Redactora principal** Benedita Oliveira

**Coordenação gráfica** Adelaide Pinto | **Paginação e Maquetagem** Campeão das Províncias/Nuno Miguel Peres

**Impressão** FIG Coimbra | **Periodicidade** Semestral | **Tiragem** 25.000 exemplares | **Impressão** FIG Coimbra



1.º de Maio de Lisboa – Rossio

## Arraial popular atrai centenas de pessoas

**S**inónimo de festa popular, o 1.º de Maio foi, mais uma vez, assinalado pela União dos Sindicatos Independentes num dos palcos mais privilegiados de Lisboa, o Rossio.

Como que a chamar os transeuntes, o Grupo de Bombos do Grupo de Danças e Cantares de Perre, Viana do Castelo, marcou o arranque do arraial, imprimindo de imediato um ritmo e alegria contagiantes. Portugueses e estrangeiros, miúdos e graúdos, foram, aos poucos, engrossando ainda mais a moldura humana que desde o início da tarde envolvia o palco dominado pelo azul da USI.

A festa seguiu-se com as danças e cantares tradicionais do Minho, interpretadas com esmero e brio pelo grupo de folclore de Perre. As cores garridas dos trajes e adereços deram vida à praça de D. Pedro IV que, por largos momentos, se transformou num autêntico festival de folclore, onde não faltou, naturalmente, o vira minhoto.

Já na recta final da actuação e com um entusiasmo empolgante, os dançarinos desafiaram o público a dar um pezinho de dança. Com

rasgados sorrisos e nítida boa disposição, as pessoas aderiram e participaram em rodas e outras modas populares, encerradas com uma grande salva de palmas.

Após a intervenção sindical, a cargo do coordenador da USI, Afonso Pires Diz, o apresentador, Silva Rosa, dirigente do Sindicato Nacional dos Quadros e Técnicos Bancários, chamou então ao palco o Rancho da Casa do Concelho de Ponte de Lima, que deu continuidade ao espectáculo.

Com o Sol a dar o ar da sua graça por entre algumas nuvens, a animação foi uma constante ao longo de toda a jornada promovida pela USI e que incluiu, à semelhança dos anos anteriores, a distribuição de um lanche à população mais desfavorecida.

Por último, subiu ao palco o grupo Zimbro que pôs boa parte da assistência a dançar entusiasmadamente. O grupo, célebre pela canção “Apita o Comboio”, encerrou com chave-de-ouro o arraial popular.

A festa contou ainda com a distribuição de t-shirts e bonés alusivos ao evento, sendo que os mais pequenos foram brindados com balões, oferecidos por palhaços vestidos a rigor. ■



## Em nome da independência partidária

**J**oão Pombo, coordenador da delegação de Leiria do Sindicato Nacional do Quadro e Técnico Bancário, é um dos muitos dirigentes sindicalistas que fazem questão de marcar presença numa das datas mais relevantes na história do sindicalismo, o 1.º de Maio.

“Este é um dia de festa para os trabalhadores e portugueses de bom-senso”, comenta, sem modéstia, João Pombo que, juntamente com uma comitiva leiriense, assistiu em Lisboa à festa da USI.

“Melhor do que nunca” é como Joaquim Guerra, dirigente do Sindicato das Comunicações de Portugal (SICOMP), caracteriza as comemorações deste ano, adiantando que “o dia está bom, a assistência é muita e a intervenção sindical foi excelente”.

O sindicalismo, nomeadamente o independente, é extremamente importante “sobretudo em alturas como esta”, de crise, nota Joaquim Guerra, frisando que o “sindicalismo sério, honesto e trabalhador” é fundamental para “que as pessoas se revejam” neste tipo de organizações.

Embora considere que as pessoas estão mais sensibilizadas para se sindicalizarem, o dirigente defende que a precariedade é um sério entrave ao desenvolvimento do movimento sindical.

Existe efectivamente uma crise no sindicalismo, corrobora, por sua vez, Carlos Vicente, dirigente do mesmo sindicato, atribuindo esta situação ao facto de “muitos sindicatos não trabalharem em prol dos interesses dos trabalhadores, actuando, antes, como correias de transmissão de políticos”.

“Os sindicatos são muito importantes e há que lutar pela sua afirmação”, refere Carlos Vicente, sublinhando que os sindicatos independentes “é

que estão a tentar credibilizar novamente o sindicalismo” em Portugal.

Ao invés de sermos acarinhados, a verdade é que, acusa, “somos hostilizados pela CGTP, UGT e pelo próprio Governo”, dando como exemplo a intransigente recusa em abrir as portas do Conselho Económico e Social (CES) à USI, pese embora esta represente milhares de trabalhadores.

Já para Victor Martins, presidente do SICOMP, os sindicatos devem intervir na concertação social não só no CES, mas também ao nível das empresas. “Os sindicatos que estão na base é que devem ter um papel activo nesta questão, porque eles é que estão no terreno. Eles têm um papel fundamental na procura de equilíbrios”, conclui o dirigente que é simultaneamente vice-presidente da USI.

Também presente na manifestação do 1.º de Maio, Paulo Pereira de Almeida, professor do ISCTE, defende que os sindicatos portugueses “devem ser dotados de meios de intervenção”, à semelhança do que sucede noutros países. “Os sindicatos nórdicos podem gerir fundos de pensões e até subsídios de desemprego”, exemplifica o docente universitário, destacando que o estudo sobre relações laborais que coordenou para a USI dá conta que 25 por cento dos portugueses são favoráveis e até mudariam para um sindicato de serviços.

A intervenção do SNQTB no caso BPP, adianta, pode “significar uma viragem no sindicalismo” em Portugal, já que, nota o especialista, o EBO deverá culminar no aparecimento de um estabelecimento de banca, de cariz nacional, liderado por esta instituição sindical. “Acho que o Governo e os poderes públicos devem apoiar esta iniciativa de forma inequívoca. Dificilmente os portugueses entenderiam o contrário”, garante. ■

# OS SINDICATOS QUERE

**L**onge vão os tempos do PREC e desses tempos loucos muitos têm saudades, em particular, o movimento sindical irresponsável, utópico e radical. Ao tempo, lembremo-lo, os sindicatos saídos da ordem corporativa viram-se subitamente tomados de assalto pela ordem soviética comunista e centralista. As reivindicações diárias, os plenários de trabalhadores, as RGA's constantes, criaram na opinião pública a ideia de que o paraíso estava próximo. Todavia, para muitas pessoas de bom senso, era evidente que esse folclore se iria pagar caro. De facto, a pesada herança foi delapidada, a riqueza nacional desbaratada, a ordem sumiu-se nas fábricas, nas oficinas, nos campos e nos escritórios. A aparente vitória das forças armadas foi, ainda antes dos anos 80, seguida pela bancarrota, pela sangria dos Quadros, pela fuga dos patrões para o Brasil e para Espanha.

Foi nesse tempo que, para pagar salários aos funcionários públicos, e pela primeira vez, se pediu a ajuda do Fundo Monetário Internacional. Este, para alargar os cordões à bolsa, para além de ditar ordens, obrigou o Partido Socialista de Mário Soares a coligar-se com o CDS de Freitas do Amaral, tendo como Ministro das Finanças o jovem Vítor Constâncio. Desses tempos resultou a ideia que perdura até hoje: os Sindicatos são factores de instabilidade, a origem de todos os problemas das empresas e sinónimos de sarilho e confusão.

Para além do preço da factura financeira e política, que ao tempo tivemos que pagar (Governo de coligação de extremos), e da imagem negativa perdura até hoje: os Sindicatos são um coio de preguiçosos, de irresponsáveis e oportunistas. E é precisamente com este

cenário que vivemos há anos. Sindicatos sérios pagam o preço dos Sindicatos loucos, isto é, como tantas vezes acontece, paga o justo pelo pecador. Não admira que, desse caldo de desordem, de ausência de autoridade e de confusão geral, tenha resultado uma convicção, de que alguns patrões portugueses são expoentes bem conhecidos, cujo exacerbado reaccionarismo os leva a odiar tudo o que tenha conotação sindical.

Este clima ideológico foi ainda reforçado pelo período cavaquista, porque também aí, em nome do sucesso a qualquer preço, se desbarataram os milhões vindos de Bruxelas, se criaram novos ricos e se deu a degradação dos valores. Foi neste período que verdadeiramente se fomentaram as vigarices financeiras, as engenharias criativas e

apareceram os Pedros Caldeiras deste mundo as Donas Brancas desta vida. Como saloios espertos, os portugueses habituaram-se à preguiça, ao cartão de crédito, ao goza agora e paga depois (O problema é quando não há dinheiro nem ninguém para pagar).

A recente crise mundial veio-nos mostrar que afinal os portugueses não são os únicos xicos espertos deste mundo. As bolhas especulativas ao rebentarem criaram bancos falidos, trabalhadores sem as suas economias das suas reformas. O liberalismo selvagem só podia gerar miséria, desigualdade e desemprego. E não se diga que isto tudo aconteceu por culpa dos Sindicatos. Foi o patrão ganancioso, o menino ultra-teórico e recém-licenciado das Universidades e os Engenheiros financeiros





# EM SALVAR PORTUGAL!



Intervenção  
do Coordenador da USI  
**Dr. Afonso Diz**  
no 1.º de Maio/2010  
realizado em Lisboa  
(Rossio)

que criaram os lixos tóxicos que, como temos vindo a assistir, serão limpos ou lavados com o dinheiro dos contribuintes. Assim, os trabalhadores viram os seus rendimentos disponíveis mais reduzidos, a poderem consumir menos, o que obrigou a economia a entrar em recessão, ao fecho das empresas, ao desaparecimento da classe média e ao aparecimento do maior desemprego dos últimos vinte anos.

Poderão os Sindicatos, num clima recessivo, pessimista, derrotista, contribuir para a solução da crise, isto é, os Sindicatos podem ser factor de criação de riqueza? Se analisarmos a história do sindicalismo, em qualquer parte do mundo desenvolvido, nomeadamente na Europa e Estados Unidos, a resposta só pode ser afirmativa.

Desde o século XIX que os Sindicatos e os seus sindicalistas são autênticos viveiros de escolas para a instrução popular ou democrática, de cooperativas de produção e consumo nos mais díspares sectores económicos, de caixas económicas, mútuas de vários tipos, etc.. Por que não se organizam os Sindicatos para, responsabilmente, e com essas finalidades, ministrarem a pertinente formação aos seus sócios e famílias?

O recente caso BPP veio demonstrar que tal é possível. Com efeito, há meses e desde a primeira hora, que a USI, através do SNQTB, vem diligenciando uma solução que viabilizasse o Banco, o que implicaria a manutenção dos postos de trabalho daqueles que, abnegadamente, lutam pela sobrevivência do Banco. Desde há mais de um ano que o SNQTB alertou os interessados para o facto de que o problema BPP não era exclusivo dos seus clientes. E como acreditamos que são as pessoas que fazem as organizações, era claro para nós que as vítimas deste caso só poderiam ser os seus trabalhadores. Este Sindicato fez mais: na expectativa do aumento do desemprego qualificado, a possível falência de um Banco em Portugal iria, inexoravelmente, acarretar a queda e degradação do "rating" da República Portuguesa e, automaticamente, dos bancos portugueses.

Não nos orgulha, ou envaidece, que os factos nos tenham dado razão. Pelo contrário, entristece-nos que algo que poderia ser evitado atempadamente tenha já originado milhões de prejuízo

na Bolsa portuguesa e aos seus investidores. O Sindicato em questão, em desespero de causa, propõe-se ser o motor da criação de uma nova entidade de crédito que empregue, desde logo e numa primeira fase, os trabalhadores do BPP. São exemplos singelos como o atrás referido que nos motivam, e que mostram que em pleno século XXI temos muito a aprender com os sindicalistas do final do século XIX e primórdios do século XX.

O Sindicalismo Independente defende a competência, as promoções por mérito, a justiça a funcionar e os trabalhadores a quererem trabalhar, a quererem dispor das oportunidades para mostrar o seu valor. Criar emprego, tipo PME, é um desejo realista e ao nosso alcance. Temos a certeza que não estamos sozinhos nesta luta.

Há muita gente séria a querer ajudar-nos. Será o Governo sensível à nossa pretensão? Teremos os patrões evoluídos capazes de perceber que os Sindicatos em vez de criarem problemas são capazes de proverem soluções? Portugal precisa de todos! Nesta hora dramática lançamos daqui o nosso desafio e o nosso exemplo.

Que Deus e os portugueses  
os acompanhem!  
Viva o Sindicalismo Independente!  
Vivam os trabalhadores!  
Viva Portugal! ■



# Festa do 1º Maio da USI – União dos Sindicatos Independentes, no Porto

Como vem sendo habitual, pela terceira vez consecutiva, a USI – União dos Sindicatos Independentes realizou a sua festa do 1º de Maio na emblemática Praça da Ribeira, situada na zona histórica do Porto, reconhecida como Património Mundial pela Unesco.

Foi neste local aprazível, banhado pelas águas do Rio Douro e circundadas por edifícios que fazem parte integrante da história da cidade, que largas centenas de pessoas acorreram e participaram na nossa Festa, ostentando, algumas delas, camisolas, bonés e balões com as cores e emblema da USI.

A alegria, a confraternização e animação não passavam despercebidas aos transeuntes ocasionais (muitos turistas estrangeiros) que, também eles, se juntaram à festa dançando ao som do Grupo Expresso 86 e de Graciano Saga e suas bailarinas.

Ainda antes da intervenção sindical, a festa foi abrilhantada pela actuação dos irmãos Bernardo e Martim Gavina, recentes ídolos do Concurso da TVI.

Estiveram representados todos os sindicatos filiados na USI, cabendo, este ano a intervenção político-sindical ao Exmo. Sr. Vice-presidente do Sindicato Nacional dos Quadros



**Intervenção Sindical foi feita pelo Vice-Presidente do SNQTB, Dr. Oliveira e Silva**

e Técnicos Bancários, Dr. Oliveira e Silva. A sua mensagem dirigiu-se essencialmente ao problema com que hoje os trabalhadores são confrontados - com a conciliação da vida profissional com a vida familiar. A crise actual não poderá ser utilizada como argumento para justificar a perda de regalias e direitos que estão a levar à degradação do nível de vida do trabalhador.

A Festa do 1º de Maio deste ano demonstrou que a USI, a única Confederação Sindical Independente, na prossecução e salvaguarda de um sindicalismo livre e independente, apesar de ainda jovem, tem granjeado, ano após ano, a confiança dos trabalhadores,

inclusive dos mais novos, o que faz antever num futuro próximo uma ampla e sustentável implantação no movimento sindical português.



**VIVA O MOVIMENTO SINDICAL INDEPENDENTE!**

**VIVA A USI - UNIÃO DOS SINDICATOS INDEPENDENTES! ■**

**Luís Ferraz**



# A igualdade de género no contexto europeu

**A** igualdade de género é um direito fundamental e um valor eminente do modelo social europeu, indissociável dos objectivos de crescimento, pleno emprego e coesão social que a Europa tanto deseja poder atingir.

E precisamente porque esta não é uma questão que deva ser tratada de forma isolada é importante que, juntos, encontremos soluções, ultrapassemos etapas, partilhemos boas práticas, aprendamos juntos com a experiência uns dos outros. Diálogo imprescindível no qual os sindicatos e outros parceiros sociais podem, e devem, representar um papel catalisador.

Foi neste contexto que a USI – União dos Sindicatos Independentes se associou à CESI – Confederação Europeia de Sindicatos Independentes, reconhecida como parceiro social europeu e membro da EWL (European Women's Lobby) a maior organização europeia, de associações femininas, e que engloba membros de todos os 27 estados membros da união europeia.

A CESI conta também, no seu seio, com várias comissões especializadas, entre as quais a comissão do “Direito das Mulheres e Igualdade de Género” (FEMM) e a comissão especializada “Emprego e assuntos sociais” (SOC), ambas onde tenho a honra de participar.

Sem dúvida que, nas últimas décadas, passos importantes foram dados

na defesa dos direitos das mulheres e da efectiva igualdade de géneros mas o caminho que nos falta percorrer ainda é longo e, talvez, a parte que nos falta seja mesmo a mais difícil a percorrer: passar da teoria à prática; cumprir a legislação existente; mudar mentalidades.

Basta olharmos à nossa volta para o compreendermos. Qual a percentagem de mulheres que fazem parte de órgãos executivos e directivos das empresas? Ou dos parlamentos nacionais? Qual a percentagem de homens que deixou, nalgum momento da sua vida activa, de trabalhar ou que optou por trabalhar a tempo parcial para acompanhamento dos seus filhos menores ou de familiares idosos dependentes?

As diferenças de tratamento e de oportunidades, por mais pequenas que possam parecer, têm repercussões ao longo de toda uma vida, como seja a progressão nas carreiras profissionais ou o valor da pensão de reforma que um dia cada um desses trabalhadores/trabalhadoras irá auferir, levando a que mais uma vez as diferenças entre géneros se acentuem, num ciclo vicioso que importa quebrar.

Nunca, como antes, foi tão necessário defendermos os valores em que acreditamos e que fazem parte da nossa história comum. É esse também o nosso compromisso.

Lisboa, 26 de Maio de 2010 ■

*Margarida Geada Seoane*

## Reuniões Internacionais USI

· 16 de Abril de 2009 – Comissão FEMM/SOC – Bruxelas

· 23/24 de Junho de 2009 – Colóquio “Work life balance” – Lisboa

· 13 de Outubro de 2009 – Comissão FEMM/SOC – Bruxelas

· 28 a 30 de Outubro de 2009 – Colóquio “A função pública na Europa face aos desafios da globalização e da integração europeia: o papel da aprendizagem ao longo da vida” – Malmö

· 21/22 de Setembro de 2009 – Colóquio “Saúde e Prevenção no Trabalho” – Roma

· 24 de Novembro de 2009 – Reunião de follow up dos colóquios de Malmö e Roma – Bruxelas

· 14 a 16 de Abril de 2010 – Colóquio “Criar valor acrescentado através de acções comuns: O papel do sector público e dos parceiros sociais na crise económica” – Valência

· 6 de Maio de 2010 – Trade Council Justice and Defense – Bruxelas

Afonso Pires Diz, coordenador da USI  
convida-o a ler  
**O SINDICATO-EMPRESA**

PAULO PEREIRA DE ALMEIDA

Uma análise do sindicalismo de serviço,  
o *benchmarking* de boas-práticas

# **O SINDICATO- -empresa**

UMA NOVA VIA PARA O SINDICALISMO

**b**nomics

**JÁ À VENDA**